

# Elijah - Número Seis

## *Dez Testes*

Jeff Pippenger

2023-10-05

Temos abordado o simbolismo de Elias e agora estamos usando as histórias do Monte Carmelo e do Monte Sinai para ilustrar um processo progressivo de teste para o chifre do protestantismo e um desenvolvimento político progressivo para o chifre do republicanismo que corre em paralelo ao chifre do protestantismo.

O último artigo tratava da rebelião relatada em Números 13 e 14, que identifica a décima e última prova para o Israel antigo após a travessia do Mar Vermelho. Essa história se alinha com o movimento inicial da história milerita, mas também com a história do movimento final de Deus. A obra de todos os três anjos de Apocalipse 14 é realizada por um movimento no início e por um movimento no fim.

"O anjo que se une na proclamação da mensagem do terceiro anjo há de iluminar toda a terra com sua glória. Prediz-se aqui uma obra de alcance mundial e de poder inusitado. O movimento do advento de 1840-44 foi uma gloriosa manifestação do poder de Deus; a mensagem do primeiro anjo foi levada a cada posto missionário do mundo e, em alguns países, houve o maior interesse religioso que se testemunhou em qualquer lugar desde a Reforma do século XVI; mas tudo isso será superado pelo poderoso movimento sob a última advertência do terceiro anjo." O Grande Conflito, 611.

Entre a história do movimento inicial e a do movimento final, encontramos a história da igreja de Laodiceia. O anjo que ilumina a terra com a sua glória é claramente identificado como um movimento, não como uma igreja.

Acerca da Babilônia, no tempo apresentado nesta profecia, declara-se: 'Seus pecados chegaram até o céu, e Deus se lembrou de suas iniquidades.' Apocalipse 18:5. Ela encheu a medida de sua culpa, e a destruição está prestes a cair sobre ela. Mas Deus ainda tem um povo na Babilônia; e, antes da visitação de Seus juízos, estes fiéis devem ser chamados a sair, para que não participem de seus pecados e 'não recebam das suas pragas'. Daí o movimento simbolizado pelo anjo que desce do céu, iluminando a terra com a sua glória e clamando poderosamente em alta voz, anunciando os pecados da Babilônia. Em conexão com sua mensagem, ouve-se o apelo: 'Sai dela, povo Meu'. Essas proclamações, unindo-se à mensagem do terceiro anjo, constituem a advertência final a ser dada aos habitantes da terra. O Grande Conflito, 604.

Todos os profetas concordam entre si e todos identificam de modo mais específico "os últimos dias" do que os dias em que as profecias foram proclamadas. Como exemplo desse fenômeno, o anjo de Apocalipse 18 foi e é tipificado pelo anjo de Apocalipse 10. Ambos iluminam a terra com a sua glória quando descem. A Irmã White identifica o primeiro anjo no livro Primeiros Escritos.

"Jesus encarregou um poderoso anjo de descer e advertir os habitantes da Terra para se prepararem para Sua segunda vinda. Quando o anjo deixou a presença de Jesus no céu, uma luz extremamente brilhante e gloriosa o precedeu. Foi-me dito que sua missão era iluminar a Terra com sua glória e advertir o homem da ira vindoura de Deus." Primeiros Escritos, 245.

Aquele anjo de Apocalipse 18 desceu em 11 de setembro de 2001. Ele havia sido tipificado pelo anjo que desceu em 11 de agosto de 1840. No capítulo seis de Isaías, Isaías vê o templo no céu e a glória de Deus. No versículo três do capítulo seis, diz-se que toda a terra está cheia da glória de Deus. Isso acontece quando o anjo de Apocalipse 18 desce.

E, depois destas coisas, vi outro anjo descer do céu, que tinha grande poder; e a terra foi iluminada com a sua glória. Apocalipse 18:1.

O versículo três de Isaías seis identifica a mesma história.

E um clamava ao outro e dizia: Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória. Isaías 6:3.

A Irmã White reúne a visão de Isaías do santuário com o movimento de Apocalipse 18.

Os serafins diante do trono estão tão tomados de reverente temor ao contemplarem a glória de Deus que não olham, nem por um instante, para si mesmos com autocomplacência, nem em admiração de si próprios ou uns dos outros. Seu louvor e sua glória são para o Senhor dos Exércitos, que é alto e sublime, e a glória da orla do seu manto enche o templo. Ao vislumbrarem o futuro, quando toda a terra estará cheia de sua glória, o cântico triunfante de louvor ecoa de uns para outros em melodioso coro: 'Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos.' Estão plenamente satisfeitos em glorificar a Deus; e, em sua presença, sob o seu sorriso de aprovação, nada mais desejam. Ao trazerem sua imagem, ao prestarem-lhe serviço e ao adorá-lo, sua mais alta ambição é plenamente alcançada.

"A visão dada a Isaías representa a condição do povo de Deus nos últimos dias." Review and Herald, 22 de dezembro de 1896.

João, em Apocalipse capítulo dez e também no capítulo dezoito, e Isaías, no capítulo seis, juntamente com o comentário da Irmã White, situam todas essas ilustrações da terra sendo iluminada com a glória de Deus no mesmo ponto da história. Toda a terra testemunhou os acontecimentos que ocorreram em 11 de setembro de 2001. A história progressiva do movimento milerita, que se concluiu em 1863, tipificou a história em que o anjo poderoso de Apocalipse capítulo dezoito desce, juntamente com a história associada ao anjo que desceu em Apocalipse capítulo dez. Com essas premissas iniciais estabelecidas, retornaremos ao processo de provação representado em Números capítulo quatorze. Depois que Moisés intercedeu pelos rebeldes que desejavam voltar ao Egito e apedrejar Josué e Calebe, Deus aceita a intercessão de Moisés.

E o Senhor disse: Perdoei segundo a tua palavra; mas, tão certo como eu vivo, toda a terra se encherá da glória do Senhor. Porque todos aqueles homens que viram a minha glória e os meus milagres, que fiz no Egito e no deserto, e agora me têm posto à prova estas dez vezes e não deram ouvidos à minha voz, certamente não verão a terra que jurei a seus pais; nenhum dos

que me provocaram a ver. Mas ao meu servo Calebe, porquanto nele houve outro espírito e me seguiu plenamente, a ele o farei entrar na terra aonde foi, e a sua descendência a possuirá. Números 14:20-24.

A história representada aqui em Números 14 é a prova final para o Israel antigo, e seu fracasso lhes garantiu a morte no deserto ao longo dos quarenta anos seguintes. Essa história está diretamente associada a Apocalipse 18, pois ali Deus proclamou que "tão certamente como" Deus vive "toda a terra se encherá da glória do Senhor." É uma afirmação muito forte que Deus coloca neste registro histórico e, ao fazer isso, Ele enfatiza que a história representada em Números capítulos 13 e 14 apontava para o poderoso movimento do anjo de Apocalipse 18. Como Apocalipse 18 é o fim do povo remanescente de Deus, o início do povo remanescente de Deus também é ilustrado na passagem que estamos considerando no livro de Números.

Em 11 de agosto de 1840, no cumprimento de uma profecia do Islã acerca do segundo ai, o antigo povo escolhido da aliança foi posto à prova pela mensagem de Elias, que acabara de ser comprovada como correta.

Em 11 de setembro de 2001, por ocasião do cumprimento de uma profecia do Islã acerca do terceiro ai, o antigo povo eleito da aliança marcou o início do juízo dos vivos, pois a mensagem de Elias acabara de ser comprovada como correta.

A mensagem de Elias da história milerita foi situada no contexto do tempo profético. A mensagem de Elias em 11 de setembro de 2001 foi situada no contexto da repetição da história. 11 de setembro de 2001 repetiu a história de 11 de agosto de 1840, pois ambas as datas representam o cumprimento de uma profecia do Islã, e ambas marcam a descida do anjo, que a Irmã White disse ser "nada menos do que a própria pessoa de Jesus Cristo". Embora a Irmã White nunca diga que o anjo de Apocalipse 18 "não era nada menos do que a própria pessoa de Jesus Cristo", como ela diz do anjo de Apocalipse 10, o anjo de Apocalipse 18 ilumina a terra com 'sua' glória, e as Escrituras são claras ao afirmar que é a glória de Jesus Cristo que ilumina a terra.

O instrumento de juízo que ocasionou a prova dos protestantes no início foi o movimento milerita, representado por Elias. O instrumento de juízo que ocasiona a prova do Adventismo do Sétimo Dia no fim é o movimento de Elias, representado pelos cento e quarenta e quatro mil. O símbolo de Elias tem mais de um significado e, embora ele represente Miller e o movimento milerita, também representa os cento e quarenta e quatro mil.

Moisés, no monte da transfiguração, foi testemunha da vitória de Cristo sobre o pecado e a morte. Ele representou aqueles que não saíram do túmulo na ressurreição dos justos. Elias, que fora trasladado ao céu sem ver a morte, representou os que estarão vivendo na terra na segunda vinda de Cristo e que serão 'transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta;' quando 'este mortal deve revestir-se de imortalidade' e 'este corruptível deve revestir-se de incorruptibilidade.' 1 Coríntios 15:51-53. Jesus estava revestido da luz do céu, como aparecerá quando vier 'segunda vez, sem pecado, para salvação.' Pois Ele virá 'na glória de Seu Pai, com os santos anjos.' Hebreus 9:28; Marcos 8:38. A promessa do Salvador aos discípulos foi agora cumprida. No monte, o futuro reino de glória foi representado em

miniatura: Cristo, o Rei; Moisés, representante dos santos ressuscitados; e Elias, dos trasladados. O Desejo dos Séculos, 412.

O povo da aliança que é passado por alto constitui a maioria: dez contra dois. Muitos são chamados, mas poucos são escolhidos. O fracasso do décimo teste baseou-se em saber se o mau relato, ou o bom relato, da Terra Prometida foi rejeitado ou aceito. Assim, a história aqui ilustrada demonstra que a vitória ou a derrota na história de provas progressivas se fundamenta na escolha entre duas metodologias que interpretam a mesma informação.

Todos os doze espias viram a Terra Prometida, mas chegaram a duas conclusões diferentes quanto ao que a Terra Prometida representava. Um relato foi motivado pelo medo humano, o outro pela fé. Um manifestou o desejo de rejeitar a direção de Deus e voltar à escravidão egípcia, e o outro relato manifestou o desejo de confiar na direção de Deus e seguir adiante para a Terra Prometida.

No movimento milerita, a maioria também escolheu voltar ao cativeiro da Babilônia e tornar-se suas filhas, e isso foi a manifestação de sua decisão de rejeitar a mensagem profética do primeiro anjo. Os mileritas fiéis escolheram seguir a mensagem profética do primeiro anjo, mesmo após o aparente fracasso no primeiro desapontamento na primavera de 1844. A história de Números apresenta dois 'relatos' diferentes dos doze espias, representando duas análises distintas da mesma mensagem profética. Em 1863, o adventismo laodiceano não aceitou uma mensagem profética; rejeitou uma mensagem profética anteriormente estabelecida. Em 1863, o adventismo laodiceano retornou à metodologia bíblica que se opunha a William Miller ao longo de seu ministério e a aceitou. Aqueles que rejeitaram a mensagem profética e desejaram voltar ao cativeiro foram tipificados pelos rebeldes de Números quatorze, que acabaram morrendo no deserto.

O número dez, quando considerado como um símbolo, como acontece com todos os símbolos, tem mais de um significado. Seu significado simbólico deve ser compreendido pelo contexto da passagem em que se encontra. "Dez", como símbolo, pode representar perseguição. Pode representar uma prova. Pode representar a união décupla dos reis da Europa, das tribos do norte de Israel e das Nações Unidas. Na igreja de Esmirna, o povo de Deus haveria de ter tribulação por dez dias.

Nada temas das coisas que hás de sofrer: eis que o diabo lançará alguns de vós na prisão, para que sejais provados; e tereis tribulação por dez dias. Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida. Apocalipse 2:10.

Os historiadores apontam para a perseguição levada a cabo por Diocleciano na história de Esmirna, por ser a mais severa da história de Esmirna, e durou dez anos. Outros historiadores identificam dez perseguições diferentes na história de Esmirna. De qualquer forma, foram realizadas pela Roma Imperial, que em Daniel sete é representada por dez chifres. Aqueles dez reis eram os reis tipificados por Acabe, que cometeram fornicção com o papado, e foram o instrumento de perseguição que o papado usou para realizar a matança durante a Idade das Trevas. "Dez" representa o poder estatal que realiza a perseguição a serviço de Jezabel. Em Daniel, capítulo um, "dez" simboliza um período de prova.

Rogo-te que ponhas à prova os teus servos por dez dias; que nos deem legumes para comer e água para beber. Depois, compara diante de ti o nosso semblante com o dos jovens que comem da porção dos manjares do rei; e, conforme vires, trata com os teus servos. Assim, ele consentiu com eles nessa proposta e os pôs à prova por dez dias. E, ao fim de dez dias, a aparência deles era melhor e estavam mais robustos do que todos os jovens que comiam a porção dos manjares do rei. Daniel 1:12-15.

Em Números catorze, o Israel antigo havia provocado Deus dez vezes, representando dez testes ao longo de um período de tempo.

Mas, tão certo como eu vivo, toda a terra se encherá da glória do Senhor. Porque todos aqueles homens que viram a minha glória e os meus milagres, que fiz no Egito e no deserto, e que me puseram à prova já estas dez vezes e não deram ouvidos à minha voz. Números 14:21, 22.

Se você pesquisasse na internet para entender quais rebeliões específicas representam as nove rebeliões ou provas fracassadas desde o livramento no Mar Vermelho até a décima prova, encontraria algumas variações quanto a quais dos fracassos do antigo Israel deveriam ser assinalados como uma dessas dez provas. Sustento que o livramento no Mar Vermelho, que foi especificamente identificado como coincidindo com 22 de outubro de 1844, é o início das dez provas e, portanto, o ponto de partida para começar a contar as provas que surgiram de 1844 a 1863. Houve um processo progressivo de provas que começou em 1798, quando o livro de Daniel foi deslacrado, e esse processo abrangeu a história das mensagens do primeiro e do segundo anjos, história que se concluiu com a chegada do terceiro anjo em 22 de outubro de 1844.

Em Minneapolis, Deus deu preciosas joias da verdade ao Seu povo em novos engastes. Essa luz do céu foi por alguns rejeitada com toda a obstinação que os judeus manifestaram ao rejeitar a Cristo, e muito se falou em manter-se firmes nos marcos antigos. Mas havia evidências de que não sabiam o que eram os marcos antigos. Havia evidências e havia raciocínio a partir da Palavra que se impunha à consciência; mas as mentes dos homens estavam fixas, seladas contra a entrada da luz, porque haviam decidido que era um erro perigoso remover os 'marcos antigos', quando na realidade não se estava movendo nem uma estaca dos marcos antigos, mas tinham ideias deturpadas sobre em que consistiam os marcos antigos.

"A passagem do tempo em 1844 foi um período de grandes eventos, abrindo aos nossos olhos estarrecidos a purificação do santuário que se desenrolava no céu e tendo relação decisiva com o povo de Deus na terra, [também] as mensagens do primeiro e do segundo anjo e a do terceiro, desfraldando o estandarte no qual estava inscrito: 'Os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.' Um dos marcos sob essa mensagem era o templo de Deus, visto no céu por Seu povo amante da verdade, e a arca contendo a lei de Deus. A luz do sábado do quarto mandamento lançou seus fortes raios no caminho dos transgressores da lei de Deus. A não imortalidade dos ímpios é um antigo marco. Não me ocorre mais nada que se possa incluir sob a designação de antigos marcos. Todo esse clamor acerca de mudar os antigos marcos é inteiramente imaginário." *The 1888 Materials*, 518.

Em 22 de outubro de 1844, o terceiro anjo chegou com uma mensagem em sua mão.

Quando o ministério de Jesus se encerrou no lugar santo, e Ele passou para o santíssimo e ficou diante da arca que continha a lei de Deus, Ele enviou outro poderoso anjo com uma terceira mensagem ao mundo. Um pergaminho foi colocado na mão do anjo e, ao descer à terra com poder e majestade, ele proclamou uma terrível advertência, com a mais terrível ameaça jamais dirigida à humanidade. Primeiros Escritos, 254.

Em 22 de outubro de 1844, um anjo desceu com um pergaminho na mão que o povo de Deus deveria comer. As doutrinas dos "marcos" que então são identificadas devem ser ou comidas e aceitas, ou rejeitadas e não comidas. Quando o terceiro anjo chegou com o pergaminho na mão, a mensagem dentro do pergaminho representava seis verdades de prova. Esses seis testes foram identificados como a "passagem do tempo", representando a profecia dos dois mil e trezentos anos; o juízo, representado como "a purificação do santuário"; as três mensagens angélicas; "a lei de Deus"; "o sábado"; e o estado dos mortos, representado como a "não imortalidade da alma."

Aquelas seis verdades estão, é claro, inter-relacionadas, mas foram identificadas individualmente como marcos. Alguns talvez não queiram incluir a passagem do tempo nesta lista, mas, obviamente, muitos rejeitaram a verdade de que 22 de outubro de 1844 foi um cumprimento genuíno da profecia. Eles falharam nessa prova, o que, é claro, os impediu de enfrentar as provas que se seguiram. As provas de Deus têm sido repetidamente estabelecidas como um processo progressivo que requer vencer a prova que você recebe primeiro, antes que você possa enfrentar a prova seguinte.

Quando começamos a apresentar a luz sobre a questão do sábado, não tínhamos uma ideia claramente definida da terceira mensagem angélica de Apocalipse 14:9-12. A tônica do nosso testemunho, ao nos apresentarmos perante o povo, era que o grande movimento do segundo advento era de Deus, que as duas primeiras mensagens haviam sido proclamadas, e que a terceira deveria ser dada. Vimos que a terceira mensagem se encerrava com as palavras: "Aqui está a paciência dos santos: aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus, e a fé de Jesus." E vimos tão claramente como vemos agora que essas palavras proféticas sugeriam uma reforma sabática; mas, quanto ao que era a adoração da besta mencionada na mensagem, ou o que eram a imagem e a marca da besta, não tínhamos uma posição definida.

Deus, por meio de Seu Espírito Santo, fez brilhar a luz sobre Seus servos, e o assunto foi se abrindo gradualmente às suas mentes. Exigiu muito estudo e cuidadoso zelo para desvendá-lo, elo após elo. Por cuidado, zelo e labor incessante, a obra avançou até que as grandes verdades de nossa mensagem, um todo claro, coeso e perfeito, fossem dadas ao mundo.

Já falei da minha relação com o Ancião Bates. Descobri que ele era um verdadeiro cavalheiro cristão, cortês e bondoso. Tratou-me com tanta ternura como se eu fosse seu próprio filho. Na primeira vez que me ouviu falar, demonstrou profundo interesse. Depois que terminei de falar, levantou-se e disse: 'Sou um Tomé incrédulo. Não creio em visões. Mas, se eu pudesse crer que o testemunho que a irmã relatou esta noite foi de fato a voz de Deus para nós, eu seria o homem mais feliz do mundo. Meu coração está profundamente comovido. Creio que a oradora é sincera, mas não consigo explicar quanto ao fato de lhe terem sido mostradas as coisas maravilhosas que ela nos relatou.'

"Alguns meses depois do meu casamento, compareci, com meu marido, a uma Conferência em Topsham, Maine, na qual o Ancião Bates estava presente. Naquela ocasião ele ainda não cria plenamente que minhas visões eram de Deus. Essa reunião foi uma ocasião de grande interesse. O Espírito de Deus repousou sobre mim; fui arrebatada em uma visão da glória de Deus e, pela primeira vez, tive um vislumbre de outros planetas. Depois que saí da visão, relatei o que havia visto. Então o Ancião B. perguntou se eu havia estudado astronomia. Eu lhe disse que não me lembrava de jamais ter consultado um livro de astronomia. Disse ele: 'Isto é do Senhor.' Nunca antes o vi tão à vontade e feliz. Seu semblante resplandecia com a luz do céu, e ele exortou a igreja com poder." Testemunhos, volume 1, 78-80.

Certamente, todas essas provas doutrinárias estão interligadas, mas também são provas que podem ser isoladas, e foram progressivamente reveladas aos servos de Deus. Há muitas igrejas que observam o sábado do sétimo dia, mas que rejeitam a mensagem dos três anjos. Elas rejeitam a verdade de que o juízo começou em 22 de outubro de 1844, mas ainda assim observam o sábado. Essas provas doutrinárias estão interligadas, mas representam seis provas específicas.

Como acaba de ser ilustrado por Joseph Bates, o capitão de navio que era plenamente familiarizado com a astronomia aceitou o Espírito de Profecia, que antes havia rejeitado. Em dezembro de 1844, Ellen White recebeu sua primeira visão e o sétimo teste chegou ao movimento.

A Bíblia deve ser a sua conselheira. Estude-a e os testemunhos que Deus deu; pois nunca contradizem a sua Palavra. Se os Testemunhos não falarem segundo a palavra de Deus, rejeite-os. Cristo e Belial não podem ser unidos. Mensagens Seleccionadas, livro 3, 33.

Pouco depois do grande desapontamento, a Irmã White endossou um artigo que identificava a mudança de Cristo do Lugar Santo para o Lugar Santíssimo em 22 de outubro de 1844. Ela recomendou a publicação a "todos os santos".

"Creio que o Santuário, a ser purificado no fim dos 2300 dias, é o Templo da Nova Jerusalém, do qual Cristo é ministro. O Senhor mostrou-me em visão, há mais de um ano, que o Irmão Crosier tinha a verdadeira luz sobre a purificação do Santuário, etc.; e que era sua vontade que o Irmão C. redigisse a exposição que ele nos deu no Day-Star, Extra, em 7 de fevereiro de 1846. Sinto-me plenamente autorizado pelo Senhor a recomendar esse Extra a cada santo." Uma Palavra ao Pequeno Rebanho, 12.

Ela endossou a descrição de Crosier do movimento de Cristo para o Lugar Santíssimo, mas o artigo continha vários ensinamentos errôneos, incluindo o ensino do protestantismo apóstata de que o "contínuo" no livro de Daniel representava o ministério de Cristo. Por isso, ela redigiu um esclarecimento que foi publicado pela primeira vez em 1850 e depois incluído no livro *Early Writings*. Ali ela afirmou que "aqueles que deram o clamor da hora do juízo tinham a visão correta do 'contínuo'."

Então vi, em relação ao "contínuo" (Daniel 8:12), que a palavra "sacrifício" foi acrescentada pela sabedoria humana e não pertence ao texto, e que o Senhor deu a visão correta disso àqueles que deram o clamor da hora do juízo. Quando havia união, antes de 1844, quase todos estavam unidos quanto à visão correta do "contínuo"; mas, na confusão desde 1844, outras

visões foram adotadas, e trevas e confusão se seguiram. Primeiros Escritos, 74.

O tema do "contínuo" no livro de Daniel tornou-se um símbolo do retorno do Adventismo à metodologia do protestantismo apóstata no início do século XX, e hoje a correta compreensão milerita do "contínuo" foi rejeitada pelos teólogos do Adventismo. Ela foi rejeitada, apesar de a Irmã White ter identificado claramente que os mileritas estavam corretos ao identificar o "contínuo" como o poder satânico do paganismo. Eles rejeitaram a verdade sobre o "contínuo" não apenas em contradição com sua aprovação inspirada de que a compreensão milerita estava correta, mas também em direta contradição com sua identificação direta de que a falsa doutrina que ensina que o "contínuo" representa o ministério de Cristo no santuário foi introduzida por "anjos que foram expulsos do céu!"

"E ali estava o Irmão Daniells, cuja mente o inimigo estava influenciando; e a sua mente e a mente do Ancião Prescott estavam sendo influenciadas pelos anjos que foram expulsos do céu." Manuscript Releases, volume 20, 17.

Sua profunda rejeição do que o Adventismo agora usa como um de seus "pratos de fábulas" foi tão severa porque Daniells e Prescott tomaram um símbolo de poder satânico (paganismo) e atribuíram esse símbolo a Cristo (Seu ministério no santuário). Isso perfaz oito testes doutrinários.

O nono teste na história que leva a 1863 é a produção da segunda tábua de Habacuque em 1850. O quadro pioneiro de 1843 foi produzido em 1842, e só é chamado de quadro de 1843 porque previu o retorno de Cristo em 1843. A ordem para produzir uma segunda tábua de Habacuque foi dada à Irmã White em 1850. A produção das duas tábuas de Habacuque liga a história do primeiro e do segundo anjo à história do terceiro. Na biografia de sua vida e obra, escrita por seu neto, ele apresenta uma visão geral dos eventos que levaram à produção do quadro de 1850. Ele o faz selecionando comentários relevantes da Irmã White e acrescenta seu comentário na visão geral.

Ao voltarmos à casa do irmão Nichols, o Senhor deu-me uma visão e mostrou-me que a verdade deve ser tornada clara sobre tábuas e que isso levaria muitos a decidir-se pela verdade por meio da mensagem do terceiro anjo, sendo as duas anteriores tornadas claras sobre tábuas. — Carta 28, 1850.

Nesta visão, também lhe foi mostrado aquilo que daria a James White coragem para continuar a publicar:

Vi também que era tão necessário que o periódico fosse publicado quanto o envio dos mensageiros, pois os mensageiros precisam de um periódico para levar consigo, contendo a verdade presente, para colocar nas mãos dos que ouvem; assim a verdade não se apagaria da mente. E que o periódico iria aonde os mensageiros não podiam ir.-Ibid.

O trabalho no novo gráfico começou de imediato, e foi dada oportunidade para contar aos irmãos sobre ele na edição de Present Truth que James publicou no mês seguinte:

O Quadro. Um quadro cronológico das visões de Daniel e João, concebido para ilustrar claramente a verdade presente, está agora sendo litografado sob os cuidados do irmão Otis Nichols, de Dorchester, Massachusetts. Os que ensinam a verdade presente serão grandemente

auxiliados por ele. Mais informações sobre o quadro serão dadas posteriormente. - Present Truth, novembro de 1850.

No final de janeiro de 1851, o cartaz estava pronto e foi anunciado por \$2. James White ficou muito satisfeito com o cartaz e o ofereceu gratuitamente a 'aqueles a quem Deus chamou para dar a mensagem do terceiro anjo' (Review and Herald, janeiro de 1851). Algumas doações generosas haviam ajudado a cobrir as despesas de publicação. Arthur White, Ellen G. White: The Early Years, volume 1, 185.

Ao falar do quadro de 1843, a Irmã White registrou que ele havia sido dirigido por Deus.

O Senhor mostrou-me que o quadro de 1843 foi guiado por sua mão, e que nenhuma parte dele deveria ser alterada; que os números estavam como ele os queria. Que sua mão estava por cima e ocultou um erro em alguns dos números, de modo que ninguém pudesse vê-lo, até que sua mão fosse removida. Review and Herald, 1º de novembro de 1850.

Ao registrar a luz associada à ordem de produzir outro quadro em 1850, ela concedeu ao quadro de 1850 a mesma aprovação divina que havia sido dada com relação ao quadro de 1843, ao mesmo tempo em que identificava que outros quadros então em produção não eram aceitáveis ao Senhor. A ordem de produzir um novo quadro foi incorporada a uma ordem de imprimir uma nova publicação.

Vi que a atividade de confeccionar quadros estava totalmente errada. Teve origem com o irmão Rhodes e foi levada adiante pelo irmão Case. Recursos foram gastos na confecção de quadros e na criação de imagens toscas e repugnantes para representar anjos e o glorioso Jesus. Vi que tais coisas desagradavam a Deus. Vi que Deus estava na publicação do quadro feita pelo irmão Nichols. Vi que havia uma profecia desse quadro na Bíblia e que, se este quadro é destinado ao povo de Deus, se ele [é] suficiente para um, também o é para outro; e, se alguém precisasse de um novo quadro pintado em uma escala maior, todos precisariam dele igualmente.

Vi que o desejo do Irmão Case por outro quadro nascia de um sentimento irrequieto, intranquilo, insatisfeito e ingrato. Vi que esses quadros pintados tinham um efeito negativo sobre a congregação. Isso fazia com que houvesse na reunião um espírito leviano e fútil de zombaria.

Vi que os quadros ordenados por Deus impressionavam favoravelmente a mente, mesmo sem explicação. Há algo leve, belo e celestial na representação dos anjos nos quadros. A mente é conduzida, quase imperceptivelmente, a Deus e ao céu. Mas os outros quadros que foram preparados repugnam à mente e fazem a mente deter-se mais na terra do que no céu. As imagens que representam anjos se parecem mais com demônios do que com seres do céu. Vi que, por dias e semanas, os quadros haviam ocupado a mente do irmão Case, quando ele deveria estar buscando a sabedoria celestial de Deus e crescendo nas graças do Espírito e no conhecimento da verdade.

Vi que, se os recursos que têm sido desperdiçados em produzir gráficos tivessem sido empregados em apresentar claramente a verdade diante dos irmãos, por meio da publicação de folhetos, etc., isso teria feito muito bem e teria salvo almas. Vi que o negócio de fazer gráficos

se espalhou como uma febre. Manuscript Releases, número 13, 359; 1853.

Ela afirma claramente que "Deus estava na publicação do quadro [1850] pelo Irmão Nichols", e que havia "uma profecia [Habacuque dois] deste quadro na Bíblia." Ela também indicou que "os quadros" [plural; 1843 e 1850] que foram "ordenados por Deus impressionaram favoravelmente a mente, mesmo sem uma explicação." Habacuque dois ordenou aos mileritas que tornassem a visão clara sobre tábuas, (no plural), para que quem lesse os dois quadros pudesse correr de um lado para outro na Palavra de Deus. Os quadros divinos não necessitavam de explicações adicionais, como foi o caso do quadro falsificado de 1863 de Uriah Smith.

E o Senhor me respondeu e disse: Escreve a visão e torna-a bem legível sobre tábuas, para que corra quem a ler. Habacuque 2:2.

A décima prova é o foco deste artigo. Quanto às dez provas mencionadas por Moisés em Números, capítulo quatorze, estudiosos hebreus e outros teólogos apresentam uma variedade de conjecturas sobre quais eventos, na história que vai da libertação no Mar Vermelho até a rebelião dos dez espias, elas poderiam representar. O relato daquela história oferece algumas variações entre as quais escolher, mas é certo que a décima prova marca o início de quarenta anos de morte por desgaste no deserto, até que todos os rebeldes que já tinham idade de responsabilidade estivessem mortos.

De maneira semelhante, alguns podem protestar contra a minha seleção destes dez testes doutrinários, pois pode haver variações que pareçam melhores do que aquilo que estou apresentando aqui. Dito isso, o décimo e último teste é tão claro quanto foi a rebelião dos dez espias. Foi a rejeição dos sete tempos de Levítico vinte e seis. Há várias provas proféticas que sustentam essa identificação.

No próximo artigo começaremos a identificar aquelas testemunhas proféticas que corroboram a identificação de que os sete tempos de Levítico vinte e seis constituem o décimo e último fracasso do Adventismo Laodiceano.

Quando o poder de Deus testifica acerca do que é a verdade, essa verdade deve permanecer para sempre como a verdade. Não se devem admitir pressuposições posteriores, contrárias à luz que Deus deu. Surgirão homens com interpretações das Escrituras que, para eles, são verdade, mas que não são verdade. A verdade para este tempo, Deus nos deu como fundamento da nossa fé. Ele mesmo nos ensinou o que é a verdade. Levantar-se-á um, e ainda outro, com nova luz que contradiz a luz que Deus deu mediante a demonstração do Seu Espírito Santo.

Alguns que passaram pela experiência adquirida no estabelecimento desta verdade ainda estão vivos. Deus graciosamente poupou suas vidas para repetir e repetir, até o fim de seus dias, a experiência pela qual passaram, assim como fez João, o apóstolo, até o último momento de sua vida. E os porta-estandartes que faleceram falarão por meio da reimpressão de seus escritos. Fui instruído de que, assim, suas vozes devem ser ouvidas. Devem dar seu testemunho quanto ao que constitui a verdade para este tempo.

"Não devemos aceitar as palavras daqueles que vêm com uma mensagem que contradiz os pontos especiais de nossa fé. Eles reúnem uma massa de passagens das Escrituras e a amontoam como prova ao redor de suas alegadas teorias. Isso tem sido feito repetidas vezes durante os últimos cinquenta anos. E, embora as Escrituras sejam a palavra de Deus e devam ser respeitadas, a aplicação delas, se tal aplicação desloca um pilar do fundamento que Deus tem sustentado nesses cinquenta anos, é um grande erro. Quem faz tal aplicação não conhece a maravilhosa demonstração do Espírito Santo que deu poder e força às mensagens passadas que vieram ao povo de Deus." Mensagens Seleccionadas, livro 1, 161.